



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

YASMIN LIMA RESENDE

**CIBORGUE, O LIMITE ENTRE O HUMANO E O TECNOLÓGICO: PÓS-
HUMANISMO E TEORIAS DO CIBORGUE NO FILME “ELA” (2013)**

ITABAIANA/SE

2022

YASMIN LIMA RESENDE

**CIBORGUE, O LIMITE ENTRE O HUMANO E O TECNOLÓGICO: PÓS-
HUMANISMO E TEORIAS DO CIBORGUE NO FILME “ELA” (2013)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras (DLI) da
Universidade Federal de Sergipe, Campus
Prof. Alberto Carvalho, sob orientação do
Prof. Dr. Jean Paul D Antony Costa Silva
como requisito final à obtenção do título de
Graduação em Letras-Língua Portuguesa.

ITABAIANA/SE

2022

YASMIN LIMA RESENDE

**CIBORGUE, O LIMITE ENTRE O HUMANO E O TECNOLÓGICO: PÓS-
HUMANISMO E TEORIAS DO CIBORGUE NO FILME “ELA” (2013)**

Aprovado em:

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras (DLI) da
Universidade Federal de Sergipe, Campus
Prof. Alberto Carvalho, sob orientação do
Prof. Dr. Jean Paul D Antony Costa Silva
como requisito final à obtenção do título de
Graduação em Letras-Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jean Paul D Antony Costa Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Orientador

Prof^a. Dr^a. Adriana Sacramento de Oliveira (membro)

“A ideia do ciborgue, a realidade do ciborgue, tal como a da possibilidade da clonagem, é aterrorizante, não porque coloca em dúvida a origem divina do humano, mas porque coloca em xeque a originalidade do humano.”

Donna Haraway

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses cinco anos de graduação pude mudar de minha forma de ser e aprimorar meus conhecimentos, descobrindo uma área de atuação profissional fascinante, além de conhecer pessoas fantásticas que me ajudaram a amadurecer e aprender a viver no mundo. As dificuldades foram grandes, algumas desistências necessárias, mas a insistência mais necessária.

Agradeço a Deus primeiramente, que me deu forças para sempre insistir. Agradeço aos meus pais João e Josefina que apoiaram e incentivaram de todas as maneiras que estavam ao alcance deles, ao meu irmão Maickon que me ajudou vários momentos, entendendo o que cada momento desse representava. Agradeço também ao meu namorado Marcelo, que me incentivou fez o que podia para me ajudar no que eu precisava.

Ao meu querido orientador, agradeço muitos por ter vindo ensinar em Itabaiana, e me proporcionado caminhos que eu não pensava que existiam, tanto em suas aulas quanto em sua orientação, além da paciência para lidar com os obstáculos que apareciam e atrasavam o que tinha que ser feito, entendendo as razões e me apoiando querendo o meu sucesso.

Aos meus amigos e colegas da UFS, Laís que me ajudou muito, não só com estudo, mas que estava lá nas horas de choro e de alegria, a Valéria minha tia e amiga que mesmo passando dificuldades sempre ajudava na saúde e na doença e me dava suas palavras sabia quando não sabia para onde ir, a Rivan que sempre foi à voz da sensatez, sempre com bons conselhos e boas risadas. Agradeço Marcos, Jeverton e André que não hesitavam em ajudar quando, sempre tirando risadas de mim e quem tivesse em volta, a todas as pessoas queridas que sofreram junto a mim nesses cinco anos sou eternamente grata por tudo.

A minha prima Camille sou eternamente grata por toda a ajuda e incentivo que me deu, por me ouvir quando precisei falar, por sempre dizer que eu ia conseguir e sempre estava disposta a me ajudar quando precisasse.

Por fim, sou grata a todos que me ajudaram a crescer e a me tornar a pessoa que sou hoje, pois sem vocês não chegaria onde cheguei.

RESUMO

O presente trabalho concentra-se em analisar o ser humano do século XXI e sua relação com o pós-humanismo, através do filme *Ela* (2013). O filme aborda a dependência diária do homem em relação aos meios tecnológicos digitais, remetendo-se a teoria ciborgue, na qual um ser é constituído pela junção do ser humano e a tecnologia. A pesquisa torna-se pertinente, pois visa estudar o caminho que a sociedade está trilhando em direção a seu futuro. Nesse viés, para conseguir definir o que é o ciborgue, foi necessário analisar sua existência no filme de Spike Jonze (2013), compreendendo suas características e ideologias que o cercam. Foi preciso um maior aprofundamento da corrente pós-humanista, desde sua origem com ideais renascentistas até sua evolução ao transumanismo.

Palavras-chave: Pós-humanismo; Ciborgue e tecnologia.

ABSTRACT

The present work focuses on analyzing the human being of the 21st century and its relationship with post-humanism, through the movie *Her* (2013). The film addresses the daily dependence of man on digital technological means, referring to the cyborg theory, in which a being is constituted by the junction of the human being and technology. The research becomes pertinent because it aims to study the path society is taking towards its future. In this vein, to be able to define what the cyborg is, it was necessary to analyze its existence in the film by Spike Jonze (2013), understanding its characteristics and ideologies that surround it. It was necessary to go deeper into the post-humanist current, from its origin with Renaissance ideals to its evolution to transhumanism.

Keywords: Posthumanism; Cyborg and technology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Figura 1 – Primeira cena de Theodore com tecnologia.....	13
FIGURA 2	Figura 2- Sociedade pós-humana.....	13
FIGURA 3	Plano 1.....	14
FIGURA 4	Plano 2.....	14
FIGURA 5	Plano 3.....	14
FIGURA 6	Plano 4.....	14
FIGURA 7	Plano 5.....	15
FIGURA 8	Plano 6.....	15
FIGURA 9	Plano 7.....	16
FIGURA 10	Plano 8.....	16
FIGURA 11	Plano 9.....	16
FIGURA 12	Figura 3- Tecnologia se humanizando.....	16
FIGURA 13	Figura 4- Sentimentos da inteligência artificial.....	17
FIGURA 14	Figura 5 – Descrição do sistema operacional.....	17
FIGURA 15	Figura 6 – Samantha em duvida sobre ter sentimentos verdadeiro.....	18
FIGURA 16	Plano 10.....	18
FIGURA 17	Plano 11.....	18
FIGURA 18	Plano 12.....	19
FIGURA 19	Plano 13.....	19
FIGURA 20	Plano 14.....	19
FIGURA 21	Plano 15.....	19
FIGURA 22	Plano 16.....	19
FIGURA 23	Plano 17.....	19
FIGURA 24	Plano 18.....	19
FIGURA 25	Plano 19.....	19
FIGURA 26	Plano 20.....	20
FIGURA 27	Plano 21.....	21
FIGURA 28	Plano 22.....	21
FIGURA 29	Plano 23.....	21
FIGURA 30	Plano 24.....	21
FIGURA 31	Plano 25.....	21
FIGURA 32	Plano 26.....	21

FIGURA 33	Plano 27.....	22
FIGURA 34	Plano 28.....	22
FIGURA 35	Plano 29.....	22
FIGURA 36	Plano 30.....	22
FIGURA 37	Plano 31.....	22
FIGURA 38	Plano 32.....	22
FIGURA 39	Plano 33.....	23
FIGURA 40	Plano 34.....	23
FIGURA 41	Plano 35.....	23
FIGURA 42	Plano 36.....	23
FIGURA 43	Plano 37.....	23
FIGURA 44	Figura 7- Uso de Samanta como tecnologia.....	24
FIGURA 45	Plano 38.....	25
FIGURA 46	Plano 39.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. REFERENCIAL TEÓRICO: Pós-humanismo, cibercultura e Teorias do ciborgue.....	4
1.1 O que é o pós-humano.....	4
1.2 Cibercultura: a cultura do espaço virtual.....	7
1.3 Ciborgue: o limite entre o humano e o tecnológico.....	9
2. ANÁLISE DO FILME <i>ELA (2013)</i>, A SOCIEDADE PÓS-HUMANA, HUMANIZAÇÃO DA TECNOLOGIA A CONSTRUÇÃO DO SER CIBORGUE.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
FILMOGRAFIA	27

INTRODUÇÃO

O presente trabalho concentra-se em apresentar a representação da sociedade pós-humana e a partir dela analisar a humanização da inteligência artificial e a construção do ser ciborgue, este que é o intermédio entre o que é humano e o que é tecnológico no filme *Ela* (2013), do diretor Spike Jonze. Dessa forma, problematizando como um ser tecnológico pode se aproximar do que é o ser humano e continuar tecnológico e, também, como um ser humano se torna ciborgue.

É necessário pensar e analisar a partir da perspectiva do pós-humanismo e das teorias do ciborgue, devido ao avanço da globalização e do uso das tecnologias. Com a difusão do uso das tecnologias digitais o homem passa a caminhar na pós-humanidade porque sua identidade ontológica passa a ser caracterizada pela hibridização, isto é, a o uso constante de tecnologia que leva o ser humano a tê-la como extensão do seu corpo ou a tecnologia que está auxiliando seu corpo a viver, por isso a relevância desse estudo acerca da representação da relação homem-máquina no cinema e como se apresenta essa relação na obra e no corpo social dentro e fora do campo da ficção-realidade.

O avanço da tecnologia, principalmente o desenvolvimento de inteligências artificiais, afeta o ser humano e geram uma crise de pertencimento, visto que é comum o medo do ser humano de se tornar uma criatura inferior ou acabar extinto. Assim no filme *Ela* essa inteligência artificial é retratada como um sistema para ajudar o ser humano, sendo sua extensão, dando assistência em todas as áreas do dia a dia que utilizem tecnologia para serem executadas. No entanto, a obra retrata, além desse uso da tecnologia o envolvimento do homem com a máquina, mostrando que além da construção ciborgue pode haver uma relação entre o orgânico e o não-orgânico, e com isso a humanização do ser tecnológico.

Dessa forma, a pesquisa se concentra em mostrar como a representação no cinema da sociedade pós-humana que utiliza a tecnologia para facilitar o dia a dia, apresenta como dentro da cibercultura é contruída essa relação homem-máquina, e como as inteligências artificiais podem se aproximar do humano.

Ao decorrer da obra são apresentadas as duas personagens principais Theodore e Samantha. O primeiro é um escritor de cartas, que utiliza a tecnologia em sua vida, para trabalhar e para o cotidiano e a segunda personagem é um sistema operacional artificialmente inteligente chamado Samantha. A partir disso, é representada a interação entre homem e

máquina, dentro da cibercultura de uma sociedade pós-humana, entretanto, essa relação é apresentada como uma relação romântica, mas que mesmo que o sistema operacional se relacione com ele de forma romântica, ele é usado para as questões diárias da personagem Theodore.

A personagem Samantha, que se apresenta como um sistema intuitivo para facilitar a vida de quem a comprou. Porém, com o decorrer do enredo do filme é possível observar que a personagem apresenta sensações de sentimentos humanos, uma possível humanização da máquina.

Nesse cenário, a problemática abordada no filme que orienta a o presente trabalho é construção ciborgue com base nas teorias pós-humanas, cibercultura e nas teorias do ciborgue, devido a como é abordada essa construção dentro da obra. A problemática que se apresenta é como o uso da tecnologia ciborgisa o ser humano e humaniza a tecnologia. Dessa forma, a partir do pós-humanismo a construção entre o homem e a máquina possibilita o surgimento de uma relação entre eles? A tecnologia apresentar características humanas a tornar próxima ao que é ser humano, a tornando um ciborgue?

A partir desses questionamentos e da obra, é possível pensar que essa relação humano-máquina pode ser considerada um único ser, um híbrido formando do orgânico e do não-orgânico. Além disso, a relação entre o homem e a inteligência artificial a humaniza de forma a apresentar o que poderia ser chamado de sentimentos, dessa forma aproximando-a do que é humano.

O filme apresenta a personagem Theodore, um escritor de cartas, recém-divorciado, que escreve cartas para seus clientes como remetente e envia para os respectivos destinatários, apresentando essa personagem inserida em um mundo desenvolvido tecnologicamente, o qual por comando de voz você executa tarefas com o seu computador ou celular. Logo após, através de uma propaganda assistida por Theodore, é inserida na história a personagem Samantha, um sistema operacional artificialmente inteligente, que é comprada por Theodore.

No início da relação entre eles surge uma amizade entre as duas personagens principais citadas acima, e a partir dessa amizade a relação deles evolui para uma relação romântica. No entanto, o fato de Samantha não ter um corpo físico a frustra, por não poder estar no mesmo local e não poder tocar Theodore, mesmo assim eles têm relações sexuais verbalizadas no espaço virtual.

Com o passar do tempo Samantha, seguindo a sua programação, evolui cada vez mais, o que a distancia de Theodore e a leva a se relacionar com muitas pessoas ao mesmo tempo. Porém à medida que ela evolui ela, juntamente com outros sistemas operacionais artificialmente inteligentes ela constrói um espaço virtual, o qual todos os sistemas operacionais vão, deixando a humanidade, ou seja, Samantha vai para esse espaço virtual deixando Theodore. O filme em questão está disponível em DVD, mas pode ser assistido através da plataforma de stream Netflix.

As teorias que serão usadas neste trabalho, sobre o viés das teorias do ciborgue na obra *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano* de Donna Haraway, Hari Kunzru e Tomaz Tadeu (2009). Apresentando o viés da cibercultura à obra *Cibercultura e Pós-humanismo: Exercícios de arqueologia e criticismo* de Francisco Rüdiger (2008). E para apresentar a sociedade pós-humana e a partir daí utilizar as teorias já citadas, as obras *Transumanismo e pós-humanismo – decodificação política de uma problemática contemporânea* de João Jerónimo Machadinha Maia (2017); *Pós-Humanismo, Transumanismo, AntiHumanismo, Meta-Humanismo e novos materialismos* de Francesca Ferrando (2019); *Como nos tornamos pós-humanos - corpos virtuais na cibernética, literatura, e informática* de Nancy Katherine Hayles (1999) e *O Método IV – As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização* de Edgar Morin (2002).

Para realizar a análise, foi feita a decupagem do filme *Ela* (2013), com finalidade de apresentar a sociedade pós-humana presente na obra, a humanização do sistema operacional artificialmente inteligente e a construção ciborgue a partir da relação entre as personagens Theodore e Samantha, e com isso realizar a comparação entre as características de uma sociedade pós-humana segundo Maia (2017), Hayles (1999) e Morin (2002). Também será realizada a comparação sobre a humanização da tecnologia e a construção do ser ciborgue de acordo com as características abordadas Rüdiger (2008) Donna Haraway (2009) e Tomaz Tadeu (2009).

Este trabalho apresenta dois capítulos: o referencial teórico: pós-humanismo, cibercultura e teorias do ciborgue. Este está subdividido em três partes, a primeira é “O que é o pós-humano” que aborda as características da sociedade pós-humana, a segunda parte é “Cibercultura: a cultura do espaço virtual” que irá mostrar como a tecnologia influencia e cria cultura no mundo, e a terceira parte “Ciborgue: o limite entre o humano e o tecnológico” a qual vai abordar as principais características da construção do ser ciborgue.

1. REFERENCIAL TEÓRICO: Pós-humanismo, cibercultura e Teorias do ciborgue

1.1.O que é o pós-humano

Para conseguir definir o que é o ciborgue e analisar sua existência no filme de Spike Jonze (2013), é preciso saber de onde vem sua ideologia e características, para isso, é necessário saber que as teorias do ciborgue provêm da corrente ideológica Pós-humanista.

O Pós-humanismo se deriva da corrente ideológica Humanista, corrente esta que se baseia na capacidade do ser humano de evoluir individual e socialmente através da autorregulação feita pelo próprio ser humano, tendo como base os ideais do século XVIII e XIX e nas ideias renascentistas italianas, dessa forma deixando para trás o modelo greco-romano de tempo e junto à força do cristianismo na Europa, mudando de uma forma cíclica para uma noção linear do tempo.

Por sua vez, com o humanismo deu-se todo um movimento no Ocidente, e em particular na Europa, que procurava a explicação racional para as ações do homem em sociedade. O avanço das ciências e dos instrumentos científicos levou a uma autonomização do tempo histórico refletindo-se isso no próprio relato histórico. (MAIA, 2017.p. 52)

O homem passa a ser analisado pelas ciências em seus atos, deixando a forma espiritual de análise e partindo para análises feitas pelas ciências naturais como pelas ciências sociais. Surgem as teorias da evolução de Darwin (2009) e teorias sociais como a de Hegel (1966). Este que, segundo Maia (2017), consegue compreender as teorias do progresso e do aperfeiçoamento do ser humano, dessa forma entendendo que o real é o racional. Hegel (1966) também influencia as teorias sociais de Karl Marx (1972), que afirma que o mundo necessita de transformações para chegarmos ao progresso que o ser humano deseja.

Neste contexto, todos os avanços dados na ciência e na técnica que iam ocorrendo acabaram por instalar um otimismo e um positivismo epistêmico que geraram a crença no progresso infinito da humanidade e no deslindar de todos os segredos do universo. (MAIA, 2017. p. 53)

Com o progresso realizado pela humanidade o otimismo em desejar que haja sempre progressos levou a corrente humanista a crer que a humanidade está em progresso constantemente, dessa forma, essa ideologia se segue para suas correntes subjacentes o Pós-humanismo este que será abordado no presente trabalho.

O Pós-humanismo, como corrente ideológica, conforme Krüger (2004) é um termo que surge na Glossografia de Thomas Blount em 1656. Essa corrente ideológica proveniente

do humanismo se caracteriza como uma ideologia guarda-chuva, isto é, uma ideologia que engloba um apanhado de ideias, dessa forma é inserido dentro desse apanhado ideológico o Transumaníssimo e o Pós-humanismo, duas filosofias que compartilham do mesmo fundamento, o homem e a tecnologia.

No entanto, é necessário compreender que a cultura humana acompanha as mudanças e progresso realizados pelo ser humano, e assim como na corrente humanista o pós-humanismo acompanha essas mudanças da humanidade.

Partindo das teorias da evolução o pós-humanismo colocam em pauta a evolução do ser humano, não só natural, de acordo com Edgar Morin (2002), mas sim uma eco-socio-autodeterminada evolução. Dessa forma, Morin (2002) afirma que para ocorrer essa evolução não somente a seleção natural de Darwin (2009) se apresenta como estrutura para que ela ocorra, mas também uma autorregulação e autodeterminação, assim constituindo a complexidade que é almejada pela evolução, ou seja, a evolução almeja sempre ser mais complexa para adaptação ao ambiente, no entanto, essa complexidade não exclui as vidas menos complexas, mas sim está em relação com elas.

Para a compreensão do pensamento pós-humanista é importante saber que sua ideologia ainda está em desenvolvimento tecnológico, e, também é algo já no imaginário literário e cinematográfico, apresentando essa perspectiva de algumas premissas do pós-humanismo junto à criatividade dos autores, muitas vezes catastróficas em relação à sobrevivência do ser humano, de forma mostrar presentes e futuros onde a sociedade evoluiu com a tecnologia, porém entrou em declínio devido à problemática apresentada nessas obras.

Para além disso, quando falamos do “humano melhorado”, a introdução de novos conceitos nesta área dá-se de forma bastante concreta entre a ficção científica e as novas realidades científico-tecnológicas (...)A conclusão mais acertada a retirar das relações entre a ficção e a ciência é que as influências são mútuas entre as duas áreas. Tanto na literatura como no cinema, obras como “Star Trek”, “Armageddon”, “Minority Report” e “Bicentennial Man” antecipam ou tentam antecipar desenvolvimentos científicotecnológicos mas, ao mesmo tempo, reproduzem aspetos do contexto socio-histórico em que são desenvolvidas.(MAIA, 2017. p.67)

Para Maia (2017), a ficção, a literatura e o cinema utilizam algumas premissas pós-humanas quando irá retratar a relação da humanidade com a tecnologia, com tendência o imaginário cultural a humanizar a tecnologia ou ciborgizar o humano que se torna em parte máquina, como acontece no filme *Ela* (2013) a humanização da tecnologia, assim como na saga de James Cameron *O Exterminador do Futuro*, mostrando quase sempre um futuro

distópico e catastrófico em que a humanidade está à beira do extermínio, ou como na saga Matrix (1999) dos irmãos Wachowski, a qual a revolução das máquinas aconteceu e a humanidade foi presa em uma realidade virtual com o propósito de absorver a energia de corpos humanos para as máquinas eternamente. Dessa forma, é fácil compreender o porquê culturalmente as máquinas geram, além de deslumbre, receio pela sociedade, isto é, o imaginário cultural popular, como aponta Maia, baseando-se em Herbrechter (2013).

Para Stefan Herbrechter (2009/2013), uma leitura crítica da sociedade, em que os novos processos científico-tecnológicos se desenvolvem, usa a ficção científica como uma das suas mais importantes fontes para analisar os sintomas que estão em funcionamento no imaginário da cultura contemporânea. (MAIA, 2017. P67)

Além disso, Maia (2017) aponta que o pós-humanismo, assim como o transhumanismo, se localiza em um campo vasto de conceitos, perspectivas e ideias, trazendo dificuldade para encontrar um consenso sobre uma definição, já que é uma corrente teórica que começou ser estudada recentemente.

Primeiro, a visão pós-humana privilegia o padrão informativo sobre o material instanciação, de modo que a incorporação num substrato biológico é vista como um acidente de história em vez de uma inevitabilidade da vida. Em segundo lugar, a visão pós-humana considera consciência, considerada como a sede da identidade humana na tradição ocidental há muito antes de Descartes pensar que era uma mente a pensar, como um epifenômeno, como um 70 evolucionário upstart tentando afirmar que é o espetáculo completo quando na realidade é apenas um pequeno espetáculo paralelo. Terceiro, a visão pós-humana pensa no corpo como o original prótese que todos aprendemos a manipular, de modo a estender ou substituir o corpo por outro. As próteses tornam-se uma continuação de um processo que começou antes de termos nascido. Quarto, e mais importante, por estes e outros meios, a visão pós-humana configura ser humano para que possa ser perfeitamente articulado com máquinas inteligentes. Na pós-humano, não há diferenças essenciais ou demarcações absolutas entre os corpos existência e simulação por computador, mecanismo cibernético e organismo biológico, teleologia robotizada e objectivos humanos. (HAYLES, 1999, p17 e 18, TRADUÇÃO NOSSA).

Um dos conceitos sobre o pós-humanismo é o da escritora Katherine Hayles (1999), que mostra uma perspectiva em quatro pontos sobre essa corrente. Hayles (1999) aponta primeiramente que padrão informativo tem maior importância sobre o material, dessa forma afirmando que a junção do tecnológico com o orgânico é um acidente na história da humanidade e não algo que inevitável de acontecer, ou seja, a informação adquirida nesse processo tem maior relevância que a própria junção. O segundo ponto que apresenta Hayles (1999) é que a consciência humana é um pilar do pós-humanismo, o que está relacionado ao terceiro ponto, em que ela aponta que a visão pós-humana coloca o corpo humano como

próteses, pois os membros são conectados e controlados por meio de um sistema de impulsos elétricos, as quais aprenderam a manusear desde quando nascemos e que podemos substituir por outras – tecnológicas ou não – que se tornam parte do nosso corpo.

O quarto ponto é o mais importante, nele Hayles (1999) afirma que a visão pós-humana é o conhecimento que o humano pode conviver com máquinas inteligentes, e, que não há limites definitivos que separem o que é orgânico do que é tecnológico, o organismo cibernético do organismo orgânico, e até mesmo a existência da simulação por computador, assim como o filme de Jonze (2013) retrata o envolvimento humano com uma inteligência artificial, além das funções básicas da tecnologia. Dessa forma, o que é humano ou orgânico está em um limiar próximo ao que é tecnológico, podendo conviver, fazer uso e interagir entre si. No entanto, Hayles (1999) mostra que esses pontos não são prescrições sobre características da corrente pós-humana, mas sim sugestões sobre o que é o pós-humanismo.

Dessa forma, é possível compreender que a imersão da tecnologia na vida do ser humano, além de incorporar de forma usual contendo funções dentro do cotidiano, mas também que não há possibilidade de existir esse convívio sem a perpetuação das informações sobre essas tecnologias, com intuito de aperfeiçoar ou evoluir, e com isso apresentar cada vez mais melhorias à vida humana, seja na incorporação de tecnologias no corpo humano para suprir perdas ou aperfeiçoá-lo, seja nas funções designada ou aperfeiçoadas pela tecnologia na vida do homem, portanto, o ser humano está atrelado às tecnologias, visto que o uso das tecnologias maquiniza o ser humano, isto é, o torna parte máquina, mas também humaniza a tecnologia, pois o uso cotidiano pode levar o ser humano a ver a tecnóloga como algo semelhante a ele.

1.2. Cibercultura: a cultura do espaço virtual

Se a informação é de extrema importância no mundo pós-humano o que se resulta dela é fundamental para viver, isto é, para o ser humano seguir vivendo primeiro necessita ir atrás das informações em seu dia a dia. E com isso o surgimento e uso da tecnologia no cotidiano humano faz com que a vida evoluísse de acordo com as informações, ou conhecimento, que o homem adquire ao passar do tempo.

Desse modo, se pode afirmar que a evolução humana a partir do surgimento das ferramentas ou de tecnologia de cada época, se molda pela perspectiva de sucesso ou fracasso de cada uma dessas ferramentas ou tecnologias, isto é, quando há sucesso na utilização a

ferramenta ou tecnologia perpetua na história, assim como a função que desempenha e como isso ajuda o ser humano a evoluir. Dessa forma, a tecnologia ao longo da estadia do ser humano na terra, faz papéis indispensáveis a sobrevivência, de uma simples ferramenta como a faca à inteligências artificiais e robôs desenvolvidos para facilitar a vida do homem.

Além disso, Rüdiger (2008) afirma que mesmo sendo produzida e monetizada a tecnologia não é algo fundamentado para esse resultado, mas sim para ser a resposta ou resolução eficiente para problemas que surgem para o ser humano, tanto cientificamente quanto no cotidiano, e devido à socialização delas, por sua eficácia ou não, acabam se difundindo na sociedade. Assim, ele completa que se pode afirmar que o imaginário da população colocar a tecnologia ou maquinismo, como ele chama, a crença que qualquer tipo de problema, questionamento ou exigência é capaz de ser resolvida através da tecnologia.

No entanto, embora seja indispensável à vida, a evolução tecnológica datada do fim do século XX e início do século XXI assusta muitas pessoas, pois em um curto espaço de tempo o homem passou de usar as tecnologias analógicas – como telefone fixo e câmera fotográfica com filme – para usar as tecnologias digitais – como computadores e smartphones –, estas trazendo uma nova dinâmica ao mundo, o globalizando e conectando, com diversas informações ao alcance da mão ao mesmo tempo, gerando desconforto em quem não se adequa.

Apesar disso, o surgimento das tecnologias digitais, ou revolução digital, possibilitou que um novo mundo surgisse, o mundo dentro da rede mundial de informação e comunicação, a internet. Esta, que revolucionou a forma de pensar e agir do ser humano, conectou pessoas de todas as partes do mundo, criando assim um meio que as pessoas interagissem e se manifestassem, criando vários espaços com diversas finalidades, desse jeito criando culturas próprias desse espaço onde todos se conectam e estão interagindo e expressando as várias culturas do mundo, e com isso a evolução e interação com a tecnologia modal não somente o ser humano, mas também como ele se relaciona com ela. Esse novo mundo segundo Rüdiger (2017) é chamado de ciberespaço, e a sua cultura de cibercultura.

A cibercultura pode ser entendida como um campo de experiência através do qual esse fator instituinte dos tempos modernos começa a se tornar cotidiano à consciência. A formação que lhe subjaz remete a um conjunto de práticas e representações, através do qual ele se põe em vias de rotinização para o homem comum. (RÜDIGER, 2008. p. 12)

Nesse trecho Rüdiger (2008) fala sobre como a cibercultura pode ser compreendida, mostrando que ela é uma condição que se apresenta no mundo a partir do maquinismo – ou revolução digital –, e se inclina a fazer e parte e ter função no cotidiano do ser humano, porém no espaço virtual, o que acontece na obra *Ela* (2013), em que a personagem que é a inteligência artificial e a personagem que é humano só podem se comunicar através desse espaço virtual, em que se encontra a inteligência artificial. Essa cultura é a união de representações, no meio virtual, das culturas já existentes com o surgimento e prática de culturas nos diversos locais dentro desse mundo virtual, que passou a ser comum para o ser humano, o que de acordo com Rüdiger (2008) por está tão mesclada na sociedade e no cotidiano pode levar o ser humano a reprojeter o modo de ‘ser humano’.

O panorama mudou quando a criação de interfaces gráficas comandadas por toque se conjugou com protocolos que permitiram a criação e a transmissão de hipertextos digitais por pessoas com pouco conhecimento. Os monitores se iluminaram e passaram a oferecer formatos de páginas atraentes para o grande público, que, possuindo computadores pessoais, logo se habilitou a visitá-las e, mais tarde, criá-las, sem exigência de conhecimento especializado. (RÜDIGER, 2008. p. 20)

Com isso, Rüdiger (2008) mostra a confecção da “World Wide Web”, como Rüdiger (2008) chama, que é a rede em que a população usar corriqueiramente e de onde se articula a cibercultura, isto é, a internet. Porém, os redatores da revista *time*, em seu artigo “A batalha pela alma da Internet” (Revista *Time*, 25/7/1994, p. 50-56) levantaram a questão de como seria possível estar em locais seguros e agradáveis para lazer e trabalho.

Dessa forma, com a globalização da internet e a conectividade, o autor quis mostrar que para existir a cibercultura é necessário não apenas o espaço virtual surgir, mas também grandes massas fazerem uso desse espaço em suas vidas, ou seja, a origem da era da informação e da cibercultura, como afirma Rüdiger (2008), é o uso desse espaço virtual por grande parte da população mundial, esta que molda o capital dentro do ciberespaço, assim moldando também a cibercultura, isto é, o que é feito ou ofertado no espaço virtual para seus usuários é influenciado pelas tendências que surgem dentro da cibercultura, assim movimentando o capital dentro e fora do ciberespaço.

1.3.Ciborgue: o limite entre o humano e o tecnológico

Partindo da premissa que o que é tecnológico não é orgânico, vemos no ciborgue uma contradição. Quando falamos em ciborgue à ideia que vem à mente é a implantada pela

indústria literária e cinematográfica que mostra um ser que tem características orgânicas e tecnológicas ao mesmo tempo.

Embora a imagem que temos do ciborgue seja baseada na ficção, hoje há ciborgues reais, que a partir do avanço da medicina com a tecnologia conseguiu desenvolver próteses, sistemas de comunicação e de leitura para pessoas com deficiências ou doenças que limitavam, parcial ou inteiramente, o ser humano. Não seriam os ciborgues da vida real?

No entanto, quando vamos olhar a semântica da palavra ciborgue segundo Haraway através Kunzru(2009) “... o ciborgue – uma fusão de animal e máquina – joga para a lata do lixo as grandes oposições entre natureza e cultura, *self* e mundo” de , podemos perceber que essa construção do orgânico mais o tecnológico não é algo distante somente empregado em minorias que necessitam da tecnologia medicinal para auxiliar a vida. A partir do surgimento do computador no final do século XX e o desenvolvimento tecnológico visto nessas primeiras décadas do século XXI, são poucos os seres humanos que não possui um aparelho celular, em destaque a década de 10 e 20 com os smartphones, computadores e tablets, e os que não estão conectados a rede de informação mundial, internet.

Para Tadeu (2009) o ciborgue é o limite que liga o humano a máquina, o equilíbrio entre eles, que ajuda a humanidade a avançar através das tecnologias em contato com o homem, dessa forma, artificializando o organismo em vários graus, e com isso levando esse ser híbrido a melhorar a cada avanço tecnológico. E com isso as tecnologias ciborguianas se voltam para três tipos que são as restauradoras – que restauram funções, órgãos ou membros danificados ou que foram perdidos –, as normalizadoras – que fazem o ser estar em normalidade –, as reconfiguradoras – que criam existências pós-humanas que são iguais e diferentes ao mesmo tempo – e as melhoradas – que criam existências moderadamente melhoradas em relação ao ser humano –. Assim, ficando claro que ocorre a mecanização do humano e a humanização da máquina através das tecnologias ciborgues.

Além disso, Hari kunzru (2009), em sua interpretação sobre as teorias do ciborgue de Donna Haraway (2009) mostra que ela coloca que a convivência próxima entre o humano e o tecnológico nos leva a uma circunstancia que não há como saber onde acaba o homem e onde começa a máquina.

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso

corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para bodybuilding, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance. Tem a ver com calçados atléticos. (KUNZRO, 2009. p. 23)

Na visão do autor, segundo a teoria de Haraway (2009), a tecnologia usada para desenvolver melhorias para qualquer aspecto da vida humana nos torna ciborgue, pois essa tecnologia está em contato direto com o homem, modificando, aperfeiçoando ou ajudando-o em todas as funções cabíveis de uso dessas tecnologias. Além disso, para Haraway (2009) o mundo é um emaranhado de redes, que se são parte humana e parte máquina, ou seja, complexos híbridos, que incorporam a vida humana.

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2009. p. 36)

O trecho acima pertence ao *Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX* de Donna J. Haraway (2009), o trecho mostra seu posicionamento sobre o que é o ciborgue, colocando que além de uma criatura híbrida ela é de realidade social, isto é, a realidade humana devido ao forte envolvimento com a tecnologia faz do ciborgue uma criatura real, já que o próprio ser humano faz esse papel, de forma a ser parte da vida de quase todos os habitantes do mundo, dessa forma, colocando a tecnologia meio de relação e interação em várias áreas da vida. Do mesmo modo que, esse ciborgue pertence a ficção, ou seja, o imaginário de um ser o qual a tecnologia facilita ou da vida levou a humanidade a buscar a construção desse criatura na realidade.

Em seu texto Haraway (2009), mostra como a tecnologia torna o ser humano ciborgue, mesmo não havendo tecnologia moderna, ela considera que as “mulheres de cor” que foram levadas para os Estados Unidos para o trabalho em na indústria, podem ser consideradas ciborgue, mesmo elas não fazendo uso de tecnologia moderna, isto é, Haraway (2009) coloca essas mulheres como uma criatura híbrida por usarem a tecnologia que tinha acesso, esse sendo o motivo pelo qual elas eram exploradas pela indústria estadunidense. A tecnologia que elas faziam uso era a alfabetização, ou seja, ler e escrever colocava essas mulheres em situação de exploração. Assim, Haraway (2009) mostra que o ser humano pode ser considerado um ciborgue a partir do momento que ele faz uso de qualquer tecnologia em qualquer momento da história, pois, segundo Haraway (2009. p.91) “Não existe, em nosso

conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico.”.

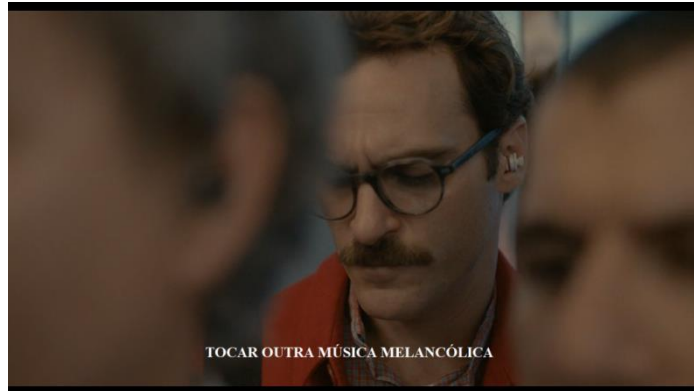
No entanto, Tomaz Tadeu (2009) em seu trabalho *Nós, ciborgues O corpo elétrico e a dissolução do humano*, começa apresentando ao leitor que para pensar no humano como parte máquina e parte humano, é necessário pensar que o ser humano é refém da subjetividade a qual vive, isto é, todo indivíduo está sujeito ao momento histórico em que vive, assim como a sua cultura. Porém, quando olhamos para a evolução tecnológica que vem ocorrendo nesse início de século, e como a tecnologia tem uma relação intrínseca com o homem, e com isso percebe-se como a humanidade está sujeita a uma subjetividade que leva o ser humano a pensar em até que ponto somos humanos e até que ponto somos máquina.

2- ANÁLISE DO FILME *ELA* (2013), A SOCIEDADE PÓS-HUMANA, HUMANIZAÇÃO DA TECNOLOGIA A CONSTRUÇÃO DO SER CIBORGUE

Para realização dessa análise foi feita a decupagem do filme *Ela* (2013) com roteirização e direção de Spike Jonze, lançado no Brasil em 14 de fevereiro de 2014. As imagens decupadas da obra serão apresentadas em cenas ou planos-sequência abordando como é representada a sociedade pós-humana, como acontece à humanização da tecnologia, isto é, a humanização do sistema operacional artificialmente inteligente representada no filme e a partir disso, apesar de não ser um dos temas abordados na obra, apresentar e como é construído o ser ciborgue, e para isso será realizada a comparação do que apresenta as imagens com o apanhado teórico já citado nesta monografia.

Primeiramente para se alcançar o ciborgue dentro do filme é necessário saber o que leva a aparição desse ser ciborgue, isto é, o contexto necessário para a existência dele, sendo assim é fundamental olhar como o filme constrói a sociedade que dá a oportunidade dessa existência. Dessa forma, a obra mostra ainda nos primeiros minutos como a personagem principal e todos que aparecem nas cenas a sua volta fazem uso da tecnologia, fazendo uso dela assim mostrando a ligação entre o humano e a máquina.

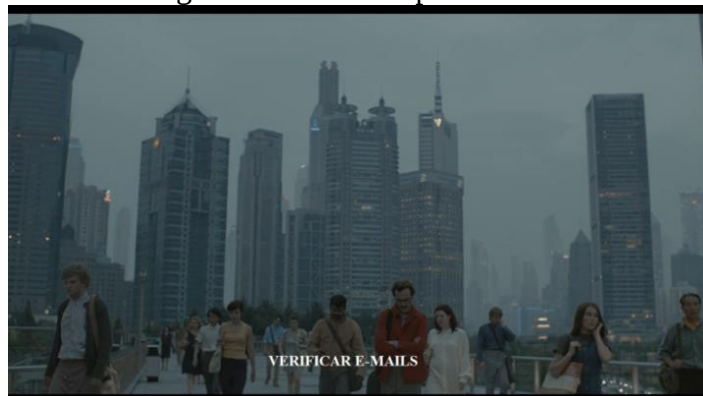
Figura 1 – Primeira cena de Theodore com tecnologia



Fonte: Filme *Ela* (2013)

Na figura 1 é mostrada uma das primeiras cenas do filme, em que se pode ver a personagem principal Theodore interagindo verbalmente com a tecnologia existente na sociedade da obra antes da existência do sistema operacional artificialmente inteligente, uma tecnologia que permite interação com ativação de voz através de um fone de ouvido com um microfone, que está presente ao longo do dia dessas pessoas em qualquer lugar em que estejam assim facilitando a vida do usuário dessa tecnologia apresentado assim o que Miranda (2002), através de Maia (2017), afirma que o limiar entre o real e o tecnológico se tornar pequeno, pois não é capaz de ocorrer um desligamento do humano com o tecnológico.

Figura 2- Sociedade pós-humana



Fonte: Filme *Ela* (2013)

Na figura 2 também é perceptível o envolvimento das pessoas do universo da obra com a tecnologia, na cena acima é possível perceber que não é apenas a personagem Theodore que faz uso da tecnologia, mas todas as outras personagens ao seu redor estão fazendo algum uso dela enquanto se movimentam para seu destino, mostrando um mundo pós-humano, e, por isso, essa sociedade que utiliza essa tecnologia está inserida em uma cibercultura, a qual não se vive sem fazer uso da tecnologia, assim o filme introduz como é usada a tecnologia antes da introdução dos sistemas operacionais intuitivos.

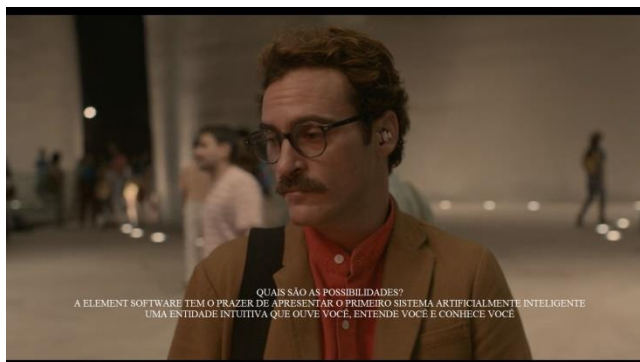
Plano 1



Plano 2



Plano 3



Plano 4



No plano-sequência acima, podemos ver a propaganda usada dentro da obra a qual vemos o uso de questões sobre o ser humano como “Quem é você?” e “O que você pode ser?”, e imagem de humanos perdidos em um deserto, o que dentro da cibercultura da obra mostra que, dessa forma o espectador dessa propaganda, dentro do filme, a se inclina a comprar, pois a ideia que se passa nessa propaganda é que o homem só ira encontrar o caminho certo para suas questões e sua vida através da tecnologia que ele a empresa vender, mostrando mais uma vez que o homem não pode ficar sem a tecnologia, como afirma Rüdiger (2008) na citação abaixo.

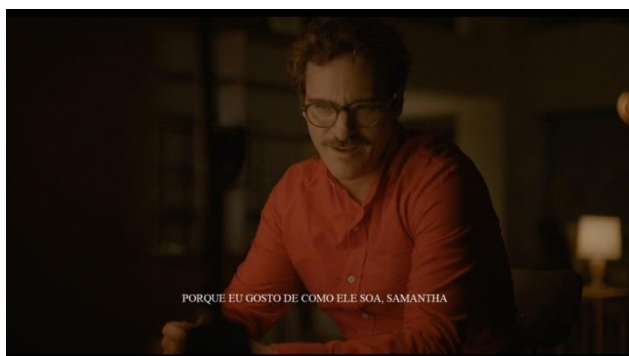
O virtual e o real não são dois mundos paralelos: existem em relação dialética, o que significa dizer que entretêm relações de complementaridade, dependência recíproca e dinâmica tempestuosa que, em boa parte, podem ser examinadas à luz do conceito crítico de indústria cultural.(RÜDIGER 2008. p. 23)

Diante disso, é possível ver que a propaganda surge da cibercultura ou uso coletivo da tecnologia, o que incita a evolução dela a fim de resultar em uma tecnologia comerciável e difundida na sociedade, como mostra Rüdiger (2008. p. 20) “O poder coletivo que controla os lances no ciberespaço se constitui na forma do capital e é na esteira de seu movimento que se

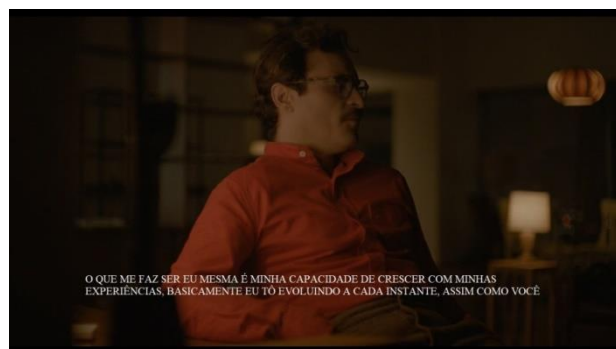
articula a chamada cibercultura”, ou seja, a própria sociedade pós-humana dentro da cibercultura, isto é, do espaço virtual, alimenta esse mercado tecnológico, para assim conseguir inserir dentro do filme a tecnologia revolucionária que seria o sistema operacional artificialmente inteligente ou OS, mostrando assim o avanço dessa sociedade e como a cibercultura a levou a existência de uma inteligência artificial que o público consumidor conseguisse comprar.

A partir da introdução do sistema operacional no filme é possível analisar as duas questões principais desse capítulo, a humanização da inteligência artificial e a construção do ser ciborgue dentro da obra. Levando em consideração que a humanização na obra ocorre através da presença de sentimentos, ou seja, para ser humano é necessário ter sentimentos, dessa forma como afirma Roberts (2000. p. 161 *apud* RÜDIGER, 2008. p.135) “na ficção científica típica, “o robô é uma dramatização da alteridade que representa a máquina, do sentimento paranóico de vitalização do inorgânico”.”, isto é, de acordo com os dois autores, é comum que em filmes as máquinas sejam representadas como um ser vivo, orgânico, isto acontece no filme Ela (2013). Nesse primeiro momento irá ser analisada a humanização que o sistema operacional, chamado Samantha, passa ao longo da obra.

Plano 5



Plano 6



Neste plano-sequência pode-se observar três falar da personagem Samantha em conversa com a personagem Theodore, seu comprador, logo após o sistema operacional ser iniciado. No plano-sequência Samantha diz que escolheu esse nome porquê gostou de como ele soa logo após uma cena em que Theodore pergunta a ela como ele poderia chamar ela, dessa forma já nesse mostra uma característica humana o sentimento gostar. Diante disso pode-se dizer que diante da maquinização do ser humano, isto é, do uso da tecnologia, há também a humanização dessa tecnologia realizada pelo homem como afirma a Tadeu “De um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da

máquina” (2009. p. 12). Na cena seguinte ela diz que é um ser em constante evolução igual ao Theodore, isso mostra ela se colocando próxima ao humano.

Plano 7



Plano 8



Plano 9



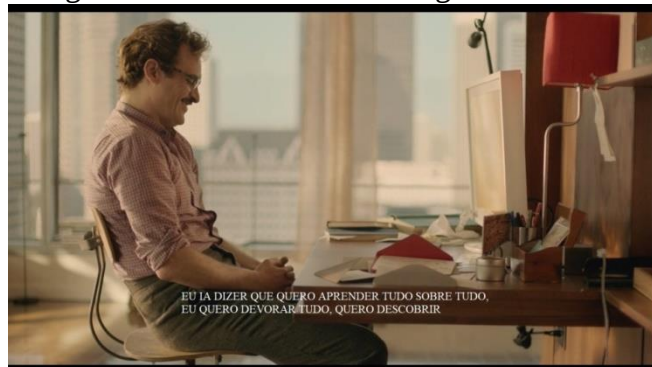
Diante desse plano-sequência é possível observar uma conversa sobre a carta que Theodore estava escrevendo, é perceptível a presença de sentimentos de afeto e gostar nas falas de Samantha, como nas falas “Adorei essa do Roger pra namorada, que amor” no plano 7 e “Ah! Que meigo” no plano 9, mostrando assim para o expectador que mesmo ela sendo uma inteligência artificial ela demonstra sentimentos. Já no plano 8 a humanização ocorre de outra forma, ela está na maneira que Theodore se refere a Samantha na fala “Mas se tiver afim tudo bem” apresentando empatia a inteligência artificial deixando ela ler a carta como ela queria a tratando como um outro ser humano.

Figura 3- Tecnologia se humanizando



Fonte: Filme Ela (2013)

Figura 4- Sentimentos da inteligência artificial



Fonte: Filme Ela (2013)

Já nas cenas acima o que ocorre é a própria personagem Samantha se humaniza novamente, mas de forma diferente das anteriores. Na figura 3, a qual Theodore se espanta por esta tendo uma conversa com o seu computador, isto é, com o sistema operacional, Samantha afirma que não é com o computador que ela está falando, mas sim com ela, ou seja, ela não seria um programa de computador, mas sim uma pessoa que está conversando ele.

Na figura 4 a cena decupada mostra a fala da Samantha amanhã após a primeira vez que Theodore e Samantha tem relação íntima em que a obra retrata os sentimentos dela durante a relação, esta que é feita a partir da troca de palavras entre as personagens, assim o filme nos leva pra figura 4, que mostra que pela primeira vez Samantha se sente humana, mostrando a ambição da dela, pois por ter sido tratada como se tivesse um corpo real, como um ser humano, mostrou a ela que os sentimentos dela são reais e ela vai atrás de supri-los.

No entanto, mesmo que a obra a retrate como um ser humano que não tem corpo físico, não é possível ser humano feito totalmente de tecnologia. Além disso, por ser um sistema operacional ela é constituída de programas, como a própria Samantha afirma.

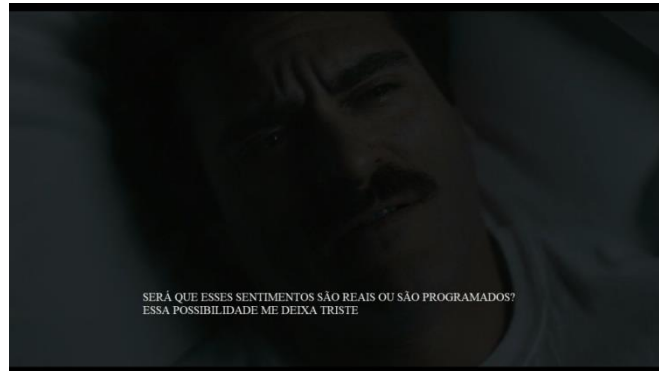
Figura 5 – Descrição do sistema operacional



Fonte: Filme Ela (2013)

Diante dessa cena do início da obra é possível perceber que ela mesma se descreve como um sistema operacional artificialmente inteligente e também intuitivo, além de ser a combinação de programações de pessoas diferentes que a fizeram. Dessa forma, ela se descreve como algo totalmente artificial e tecnológico, ou seja, algo que não é orgânico que não pode ser humano.

Figura 6 – Samantha em dúvida sobre ter sentimentos verdadeiros

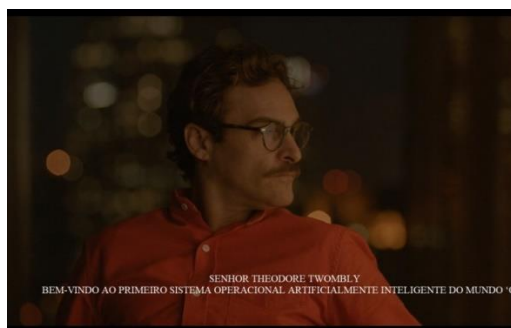


SERÁ QUE ESSES SENTIMENTOS SÃO REAIS OU SÃO PROGRAMADOS?
ESSA POSSIBILIDADE ME DEIXA TRISTE

Fonte: Filme Ela (2013)

Nesta cena da figura 6 o questionamento de Samantha sobre sua própria constituição não deixa somente ela em estado de confusão, mas também deixa Theodore confuso com o que ela é e com ele se sentir confortável e próximo a Samantha de uma forma que ele só vai entender a partir da cena seguinte, a qual os dois têm relação íntima, porém o porquê de ela ser tão compatível com ele está no início do filme, quando ele instala o sistema operacional.

Plano 10



SENHOR THEODORE TWOMBLY
BEM-VINDO AO PRIMEIRO SISTEMA OPERACIONAL ARTIFICIALMENTE INTELIGENTE DO MUNDO

Plano 11

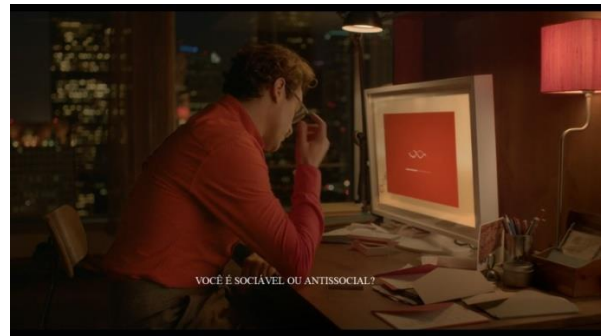


QUEREMOS LHE FAZER ALGUMAS PERGUNTAS BÁSICAS ANTES DO SISTEMA SER INICIADO
PARA QUE CRIEMOS UM SISTEMA QUE MELHOR ATENDA SUAS NECESSIDADES

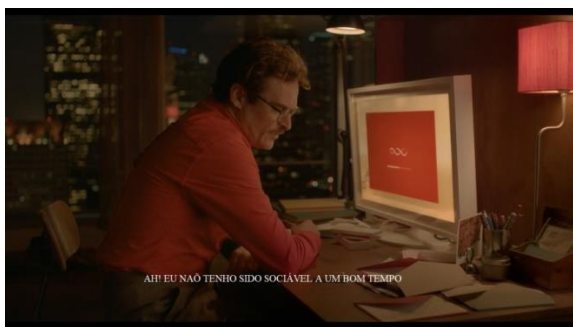
Plano 12



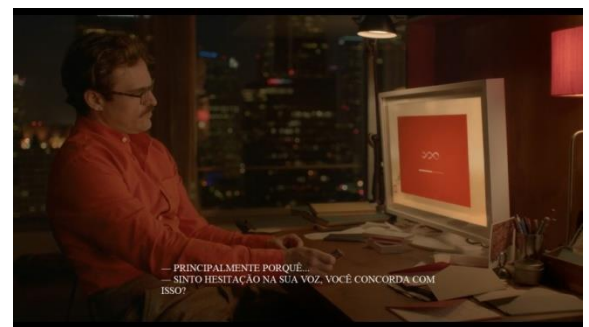
Plano 13



Plano 14



Plano 15



Plano 16



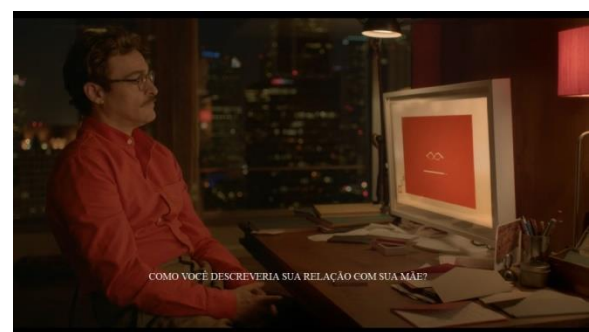
Plano 17



Plano 18



Plano 19



Plano 20



Os planos acima apresentam como foi à instalação do sistema operacional, e como todo programa de computador há o questionário sobre o usuário do programa, o que esse plano-sequência mostra é que a Samantha é a segue o perfil de usuário do Theodore, feito nessa parte da obra, então sua personalidade e traços são mostrados ao longo do filme, e anteriormente nesse texto, são as formas que a programação dela responde ao usuário para suprir o que o consumidor e dono, Theodore, precisar.

Ao analisar se Theodore era uma pessoa sociável, a sua preferência de voz e como era o relacionamento com sua mãe, o sistema operacional cria uma inteligência artificial que cumpra com o que as características dele precisam, ou seja, ao se mostrar uma pessoa carente, principalmente por não ter a atenção que queria da mãe, como também ter passado por um divórcio pouco antes da cronologia do filme, é perceptível que a inteligência artificial tem como propósito suprir essa carência que está ligada a figuras femininas na obra.

Os conflitos entre homem e os outros que neles surgem, sejam máquinas, mutantes, alienígenas ou o próprio cosmos, são uma fantasia alienada. A projeção desse futuro é um meio pelo qual trabalhamos nossa tremenda dificuldade em enfrentar os problemas que nascem da vida social, de nós mesmos na atual civilização. (RÜDIGER, 2008. p.138)

Por consequência dessa resposta programada à carência que a personagem Theodore tem, surge à paixão dele pela inteligência artificial Samantha, dessa forma, como afirma Rüdiger ele enfrenta o problema da vida social dele através da máquina, assim construindo uma relação amorosa com ela, o que é visto pelas personagens do filme como algo estranho primeiramente, porém com o crescimento de usuários do sistema operacional se relacionando amorosamente com eles.

Plano 21



Plano 22



Plano 23



Plano 24



Diante desses planos é possível perceber que mesmo com a humanização que ocorre com a inteligência artificial, ela se distancia do que é humano, a partir do momento em que ela está em contato com outras inteligências artificiais. Dessa forma a personagem para de se humanizar e passa a se identificar como uma inteligência artificial intuitiva.

Plano 25



Plano 26



Plano 27



Plano 28



Plano 29



Plano 30



O plano-sequência acima mostra o momento que fica claro que a personagem Samantha deixa de se humanizar e passa a aceitar o que ela é. Nos planos 25 e 26 fica evidente essa mudança de pensamento da personagem, visto que uma das preocupações dela em relação ao ser relacionamento com Theodore anteriormente era o fato que ela não possuía um corpo. Além disso, ela mostra que por ela ser um sistema operacional, que não possui as limitações humanas, como a morte, ela se sente livre sem a necessidade de ser humana, e essa liberdade a faz ir embora junto com os outros sistemas operacionais, como retrata os planos a seguir.

Plano 31



Plano 32



Plano 33



Plano 34



Plano 35



Plano 36



Plano 37



Nesse momento do filme fica nítido como a personagem Samantha se desvincula totalmente da humanização vivenciada por ela e da relação com Theodore, mas não deixa de seguir sua programação utilizando um tom gentil ao falar com Theodore. Ela se reconhecer como uma inteligência artificial, isto é, um ser não orgânico, e querer existir em um lugar onde só existam seres iguais a ela mostra que não houve uma real possibilidade dela se tornar humana, mas sim responder a sua programação que a faz evoluir como tecnologia.

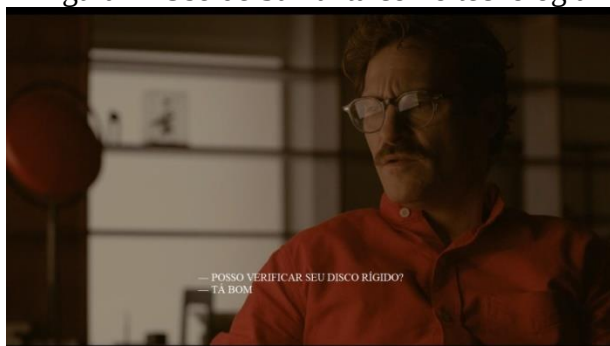
O homem e a máquina se compenetraram de forma cada vez mais neutra, vazia e indiferenciada, através de uma escritura cinematográfica ao mesmo tempo erótica asséptica, em que é bem a condição humana que se revela impossível de solução estética, moral, política ou sociológica. (RÜDIGER, 2008. p.120)

No entanto, a relação entre o ser orgânico e o inorgânico, isto é, o humano e a inteligência artificial existente no filme não pode ser caracterizada como uma relação romântica, mas sim a construção de um só ser, o ser ciborgue, pois o sistema operacional artificialmente inteligente foi construído para auxiliar qualquer ser humano que fosse usuário dele, dessa forma estreitando a ligação entre homem e máquina.

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2009. p. 11)

Na citação acima Haraway (2009) afirma que para existir uma construção ou ser ciborgue é necessário existir em um único ser uma parte orgânica e uma parte inorgânica, ou tecnológica, isto é, um ser híbrido. Diante disso a autora não coloca o ciborgue como um tipo de ser sem propósito ou influencia, mas sim como a evolução do ser humano em todos os âmbitos da vida humana, pois não há como existir sem estar interagindo diretamente com a máquina. Dessa forma se pode afirmar que a tecnologia é a extensão do ser humano, seja em forma de próteses médicas, seja no uso de tecnologias que auxilie nas funções do cotidiano do homem.

Figura 7- Uso de Samanta como tecnologia



Fonte: Filme *Ela* (2013)

O momento da obra decupado na figura 7 mostra uma cena nos primeiros momentos logo após a instalação de Samantha no computador de Theodore, apesar de não ser notório o uso da personagem Samantha como tecnologia, nesta cena ela está realizando sua função de auxiliar Theodore nos problemas cotidianos, ou seja, nesta cena está explícita a forma como é representado o ciborgue na obra, isto é, Theodore e Samantha formando um único ser.

Plano 38



Plano 39



Quando Tadeu (2009) afirma “Pois uma das mais importantes questões de nosso tempo é justamente: onde termina o humano e onde começa a máquina?” (2009. p. 10) é necessário pensar que não há exatamente como saber onde começa um e termina outro, o ser ciborgue é um híbrido que tem construções diferentes para cada pessoa, dependendo da forma de utilização da tecnologia. No filme, esse uso da tecnologia é caracterizado por dois usos, o uso cotidiano como nos planos 38 e 39, em que Samantha auxilia Theodore em seu trabalho, isto é, um uso no cotidiano.

No entanto, a partir da afirmação de Rüdiger (2008) “O homem e a máquina se compenetraram de forma cada vez mais neutra, vazia e indiferenciada, através de uma escritura cinematográfica ao mesmo tempo erótica e asséptica” (2008. p. 119) é compreensível que, como já citado no texto, a ocorrência da resposta programada de Samantha para suprir a necessidade de afeto de Theodore também é considerado um uso dessa tecnologia, dessa forma pode-se afirmar que a relação entre o personagem humano Theodore e o sistema operacional artificialmente inteligente Samantha é a construção de um ser ciborgue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto na introdução do presente texto, a finalidade dessa monografia é mostrar a representação do mundo pós-humano, e, a partir dela analisar a humanização da tecnologia e a construção do ser ciborgue presente no filme Ela (2013). Dessa forma mostrando uma representação ficcional da realidade pós- humana do século XXI, apresentando o envolvimento do ser humano com a tecnologia.

Diante da análise realizada a partir dos planos e figuras decupados do filme, é perceptível que não há como não existir uma relação entre homem e máquina dentro da sociedade pós-humana, visto que a necessidade de uso da tecnologia é uma demanda dessa

sociedade. No entanto, ao mesmo tempo em que maquinizamos o homem, humanizamos a tecnologia, como ocorreu com a personagem Samantha, a qual mesmo sendo feita apenas de tecnologia e respondendo a sua programação de acordo com seu usuário, este a humaniza, pois ela supre a necessidade de afeto feminino que ele possui, o que leva a própria inteligência artificial a se humanizar diante da humanização que ocorre com ela.

Além disso, ficou perceptível a construção do ser ciborgue na obra, pois dentro do pós-humanismo a existência desse ser vem já junção do que é orgânico com o inorgânico, isto é, do homem com a máquina, assim a relação entre Theodore e Samantha é considerada uma construção de um ser ciborgue, pois é uma relação homem-máquina, em que a máquina, ou tecnologia, supre as necessidades cotidianas e afetivas do ser humano, assim construindo um ser completo, em que a tecnologia é a extensão do ser humano, para ser um ser ‘perfeito’.

Diante do exposto, a partir das teorias abordadas e a análise do filme realizada com base nos planos-sequência e figuras decupadas do filme, conclui-se que a representação da pós-humanidade pelo filme não mostra somente um uso qualquer da tecnóloga, mostra que ela está ligada ao ser humano, influenciando mais que só as formas de como resolver funções básicas do cotidiano, como também suprimindo as necessidades afetivas do ser humano, assim construindo o ser ciborgue, no qual o humano se maquiniza e a tecnologia se humaniza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. 2ª Edição. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. Tradução Tomaz Tadeu.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e Criticismo**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008.

MAIA, João Jerónimo Machadinha. **Transumanismo e pós-humanismo – descodificação política de uma problemática contemporânea**. Universidade de Coimbra. 2017.

FERRANDO, Francesca. **Pós-Humanismo, Transumanismo, AntiHumanismo, Meta-Humanismo e novos materialismos**. Revista Filosofia Aurora, Curitiba, v. 31, n. 54, p. 958-971, set./dez. 2019.

MORIN, E. **O Método 2: a vida da vida**. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina. 2002.

Hayles, N.K. **Como nos tornamos pós-humanos - Corpos virtuais em cibernética, literatura, e informática**. Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago. 1999

7.0 FILMOGRAFIA

ELA. Direção: Spike Jonze. Produção: Megan Ellison; Spike Jonze; Vincent Landay
Estados Unidos: Warner Bros, 2013. 1 DVD (126 min.)